2.° Anno | Lisboa, 19 de Abril de 1886 | Numero 40

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

OS PASTORES

CHRONICA

A Chronica tinha muito que contar, d'esta vez, podendo espraiar-se á vontade em considerações e narrativas incommensuraveis. S. Carlos deu assumpto de sobra para encher todo este semanario, e fóra dos bastidores lyricos houve, entre os bastidores da vida real, mais d'um acontecimento notavel, que tem jus a ser narrado e discutido. Mas a Chronica sente-se hoje com pouca ou nenhuma disposição para dar conta do que vio no decorrer dos ultimos sete dias. Prefere divagar ao acaso por essas ruas fóra, sem preoccupações nem cuidados, n'um *far niente* dulcissimo de bohemia, atirando com madrigaes ao sol festivo, vivendo apenas para respirar os sopros tepidos da risonha primavera que renasce.

Porque, afinal de contas, isto de não poder a gente dar um passo ou ver dal-o aos outros no caminho da vida, sem vir aqui periodicamente, aos pés do rabujento confessor que se chama publico, desentranhar-se em promenores e detalhes, é caustico, fatiga.

Depois, nem tudo se diz, nem tudo se escreve, embora levado das melhores intenções, sob pena de se incorrer em negros peccados imperdoaveis. N'esta vastissima aldeia, onde todos se conhecem e comprimentam, a critica dos factos tem de fazer-se sempre ao sabor das conveniencias de cada qual, lisongeando vaidades e pautando-se por interesses mais ou menos legitimos. Quem chamar ás coisas pelos seus verdadeiros nomes, e quizer manter-se n'um puritanismo sem macula, encontra logo a malsinar-lhe a reputação uma cainçalha officiosa de thuriferarios d'ambos os sexos, que fazem vida do reclamo louvaminheiro, *pro domo sua*, e mordem nos calcanhares de quem lhes não imita os processos, mirando ás boas graças dos patrões reconhecidos.

Fructa do tempo.

De modo que a critica, para não ser acoimada de facciosa pelos amanuenses do servilismo indigena—uma praga mais damninha que todas as pragas do Egypto reunidas—ou tem de transigir, o que é ignobil, ou tem de calar-se, o que é verdadeiramente deploravel.

Eu podia hoje dizer, por exemplo, que a Patti não nos deu uma *Carmen* como toda a gente a havia sonhado, e como a sua excepcional organisação artistica nos indicava que viria a produzir. Não prejudicaria a empreza de S. Carlos e de modo algum faltaria á verdade para com a portentosa *diva*, assegurando que esta foi desegual na delineação do typo da cigarreira, tão bem caracterisado pelo librettista francez.

Mas, francamente, tenho medo; receio que a Santa Inquisição se institua de novo, com todos os seus horrores, para me dar tratos crudelissimos no potro ignominioso, e que algum *dilettante* mais feroz, dos que fizeram largo dispendio de flores e de adjectivos, em troca d'um retrato ou d'um sorriso, venha encaixar-me pela cabeça a baixo o sambenito dos velhos autos de fé inquisitoriaes.

Imaginam lá!

A pobre Chronica, se lhe dá para ser séria, verdadeira e honesta, passa uma vida de tormentos, e anda sempre em risco d'apanhar um murro a qualquer esquina, quando não apanhe cousa peior.

Pois se ella incorreu no fero desagrado do dilettantismo, só pelo simples facto de noticiar que a millionaria Patti transpozera ha tres annos a linha dos oito lustros!

Entre varias missivas de protesto que recebemos contra essa innocentissima affirmativa, quasi todas ellas denunciando, nas suas *pattes de mouche* desegaues, a mão feminina que as escrevera, pareceu-nos descobrir n'uma a calligraphia tremida do nosso amigo José Carlos de Freitas Jacome. Até elle protestou!

E d'ahi, talvez tivesse rasão. Lá o sabe, lá o entende.

Por todos os motivos apresentados, e porque desejo aproveitar estes dias de sol claro e tepido para fazer alegremente o gyro da Avenida, não registrarei hoje aqui as impressões que me deixou a *Hérodiade*, um triumpho para Valdez, para a gentilissima cantora Fidés Devriés, para o maestro Mancinelli, para o scenographo Manini e até para as senhoras bailarinas, que tiveram tambem um largo quinhão dos applausos do publico, o que raras vezes succede no nosso theatro lyrico.

Antes, porém, de te fazer as minhas despedidas, e sem me demorar a narrar-te o caso do caminho de ferro do Valle do Corgo, a historia da agitação de Villa Real, os successos de Zanzibar, a medonha tragedia da travessa das Fontainhas, com nihilistas, dynamite, explosões, desabamentos e *tutti quanti*, coisas que tu já estás farta de saber a estas horas, consente, prezadissima leitora, que te falle d'um novo livro de versos, firmado por Coelho de Carvalho, e intitulado—HERVAS.

Como vês, é um titulo despretencioso e singello o d'este elegante volume. Adivinha-se n'elle a individualidade desamaneirada e modesta do author, uma forte organisação d'artista, um formoso e viril talento, despido de preoccupações e vaidades.

Podendo chamar outra coisa mais bonita aos seus sonetos rendilhados e aos seus alexandrinos correctissimos e sonoros, d'uma sonoridade encantadora, chamou-lhes apenas—*Hervas*—como se d'elles não se exhalasse o perfume das flores mais gentis e garridas, o aroma inebriante da verbena, a fragrancia subtil das rosas e dos lilazes.

E' que os verdadeiros talentos não se preoccupam com simples questões de exterioridade, nem recorrem á farfalha do reclamo espaventoso para que a sua fazenda tenha extracção no mercado. Apresentam-se modestamente, como Coelho de Carvalho o fez, e o seu valor impõe-se, não carecendo de disticos pomposos para que todos lh'o reconheçam.

Hervas são os primeiros versos do moço poeta,—canticos dispersos do alegre deslisar da sua juventude—como o proprio author nos diz em prefacio. Ha n'elles tudo quanto pode encantar a alma e deslumbrar os sentidos:—aromas, luz, harmonia, frescura, vida, amor, scintillação, risos, suavidade, alegrias, canções vibrantes e enthusiasticas dos dezoito annos, gargalhadas de creança, reflexos d'um coração bom, puro e generoso.

Ler o poeta equivale a conhecel-o. Todo elle está ali, n'aquelles formosos versos, que são a synthese perfeita da sua mocidade, o retrato fiel da sua indole, o *compte-rendu* da sua vida de creança e de rapaz, quando elle doidejava alegremente pelos vastos laranjaes do Algarve, vestido de collegial, como nós o vimos muitas vezes, ou *flanava*, de capa e batina, pelas ruas de Coimbra, arranchando, risonho e feliz, ás troças lendarias da Porta ferrea.

E' por isso, principalmente, que nós adoramos o livro, e que o vamos guardar, como preciosa reliquia, no logar de honra da nossa estante, entre as *Flores do Campo* de João de Deus e a *Musa em ferias* de Guerra Junqueiro, agradecendo a Alberto d'Oliveira, o intelligente e sympathico editor d'aquelle pequenino volume adoravel, a offerta que nos fez d'um exemplar dos formosos versos, acompanhada da mais gentil e immerecida das dedicatorias.

C. D.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

ARCHIVO COMMERCIAL—ARCHIVO PITTORESCO—DUENDE

Percorrendo um dia d'estes o indice do vol. XI do *Diccionario Bibliographico*, obra já do sr. Brito Aranha, tive a curiosidade de ver os nomes dos periodicos que alli figuram, que foram meus conhecidos, e de ir pondo uma cruz ao lado dos nomes d'aquelles que dormem o eterno somno no pó das bibliothecas.

O primeiro conhecimento que se me deparou foi o *Archivo commercial*, publicado em 1864. Viveu o que vivem as rosas pouco mais ou menos. Nunca soube quem tivera a extravagante idéa de fundar aquelle periodico, e de desejar que elle tivesse uma secção litteraria. Sei que o encarregado da publicação era o meu pobre amigo e o meu primeiro editor, Antonio Maria Pereira, que se finou em Cintra, vae já para seis annos, exactamente no dia em que se celebrava em Lisboa a grande festa do centenario de Camões.

Eu fazia então as minhas primeiras armas em litteratura, e Antonio Maria Pereira, que andava tratando de imprimir o meu *Poema da Mocidade*, lembrou-se logo de mim para a tal secção litteraria. Confesso que não sabia lá muito bem como é que havia de divertir os graves leitores do *Archivo commercial*. Demais a mais, pediam-me original a toda a pressa, e Antonio Maria Pereira disse-me que lhe levasse de prompto qualquer coisa que eu já tivesse feita... um romance, fosse o que fosse. Ora eu, n'esse tempo entregava-me, com uma predilecção explicavel pelos meus vinte e um annos, ao verso. Começára a traduzir a *Porcia* de Alfredo de Musset.

—Quer isto? perguntei eu ao meu pobre editor.

—Venha isso! respondeu-me elle.

E a *Porcia* lá foi, muito espantada, a gentil Veneziana, de se ver embrulhada com as cotações de fundos, e com os preços correntes do café.

Que impressão faria nos leitores do *Archivo Commercial* aquelle poema de capa e espada, tão extraordinariamente escoltado pelas *Revistas commerciaes*? Nunca o tentei saber. Não sei se foi a *Porcia* que matou o jornal, se foi o jornal que salvou a *Porcia*.

O que sei é que o jornal morreu em pouco tempo, e que a minha *Porcia*, que tinha de ser assassinada no fim do poema, em portuguez escapou a esse triste destino, porque eu deliberei não a enviar ao somno eterno. Bem bastavam as rapozeiras que ella causou aos pobres leitores do *Archivo Commercial*.

Encontro logo depois o *Archivo Pittoresco*, mas diante d'esse inclino-me com respeito. Eu já o disse algures: o *Archivo Pittoresco* foi o *Panorama* da segunda geração romantica. Era um jornal em que fazia gosto escrever, porque o seu proprietario pensava sobretudo em levantar o nivel da arte e da litteratura portugueza. Quantos esforços elle fez para dar um serio impulso á gravura em madeira! e conseguio, deve dizer-se, maravilhosos resultados.

O jornal era dirigido por Silva Tullio com verdadeira habilidade. Era um jornal perfeitamente equilibrado. As suas duas gravuras, representando quasi sempre monumentos portuguezes ou retratos de homens celebres, eram acompanhadas de excelletes artigos escriptos pelos nossos homens mais competentes.

A descripção dos monumentos estava quasi sempre a cargo do sr. Vilhena Barbosa. Innocencio ali biographou Marcos Portugal, Fr. Caetano Brandão, Candido Lusitano e muitos outros; Latino Coelho, Bacon e Rodrigo da Fonseca; Rebello da Silva, Meyerbeer, e Passos Manuel; Osorio de Vasconcellos, Kepler e outros; Eduardo Vidal, Affonso de Albuquerque, Damião de Goes, Bartholomeu dos Martyres, etc.

Vinha depois o romance. Quando não havia algum de Julio Machado, ou de Bulhão Pato, ou meu, porque eu fui, por benevolencia extrema de Silva Tullio, um dos mais assiduos collaboradores do jornal, traduzia Brito Aranha algum conto encantador de D. Antonio de Trueba. Poesias eram quasi sempre proscriptas. Algumas curiosidades historicas, alguns estudos de sciencia assignados por Osorio de Vasconcellos ou pelo sr. Fonseca Benevides, esses magnificos Estudos da lingua materna em que Silva Tullio dava os mais excellentes conselhos, e resolvia as duvidas propostas, completavam esse periodico, que succumbio, victima da estranha fatalidade.

A Sociedade Madrépora do Rio de Janeiro tomava-lhe uns poucos de centos de exemplares, e fôra com esse subsidio que o periodico se fundára. Imaginam talvez que um dia lhe faltou com o subsidio? Isso pouco mal faria, porque o *Archivo Pittoresco* já tinha uma clientela, conquistada pelos esforços do seu proprietario, e que bastaria para o sustentar. Fez muito peior. Não lhe pagou uns poucos de contos de réis atrazados. O que o *Archivo* não podia era caminhar com esse atrazado ás costas

Morreu.

Ao mesmo tempo, ou dois annos antes, parece-me, suspendera a sua publicação o *Annuario do Archivo Pittoresco*, periodico fundado a pedido da mesma Sociedade Madrépora, e que realmente não tinha grande razão de ser. Como podia competir com os jornaes que iam por todos os paquetes para o Brazil uma folha mensal, que constava apenas de uma chronica politica de Portugal e do Brazil feita por Luiz Augusto Rebello da Silva, de um noticiario, e de uma secção economica que Brito Aranha elaborava, e de uma chronica litteraria, theatral e artistica feita pelo signatario d'estas linhas?

Outra cruzinha: o *Duende*.

O successo na vida é como o successo na guerra. Não se triumpha senão passando-se por cima de montões de cadaveres. Ha muitos que trepam ao assalto, que caem fulminados, e é por cima dos seus corpos que os outros mais felizes sobem ás muralhas.

O *Duende* foi um dos cadaveres por cima dos quaes chegou á celebridade e á gloria o *Antonio Maria*. Primeiro que um jornal de caricaturas se implantasse devéras, quantos o precederam que não poderam passar dos primeiros reductos, apezar do seu valor? O *Duende* era propriedade de um desenhador de talento, o sr. Rodrigues, que tinha graça na conversação e que tinha graça no desenho, e alguns numeros do *Duende* obtiveram um verdadeiro triumpho. Nas suas lithographias o sr. Rodrigues apanhava sobretudo admiravelmente a physionomia placida e indolentemente fidalga do duque de Loulé. O escriptorio do *Duende* era na calçada de S. Francisco, e tão pequeno, tão pequeno, que effectivamente só um duende lá podia caber. Alli afiei tambem as minhas primeiras settas satyricas e alli fiz uma importante reforma parlamentar.

Uma reforma parlamentar? Exactamente.

Imaginem que n'esse tempo, *in illo tempore*, era presidente da camara dos deputadas... não sei quem; mas o que é certo é que, ou por deliberação propria, ou porque tivesse já herdado essa locução dos seus antecessores, nunca levantava a sessão, sem usar d'esta phrase consagrada: *A ordem do dia para ámanhã é a continuação da mesma.*

Exceptuavam-se, é claro, os casos em que a ordem do dia era outra.

Todos entendiam o que elle queria dizer, as coisas caminhavam optimamente, sem abalo nas instituições, sem convulsões de qualquer ordem na politica nacional.

Eu, porém, com a petulancia dos meus vinte annos...

Reparo agora em que estou dando escandalosamente a minha certidão de edade. Mas a verdade dolorosa é essa. O *Duende* publicava-se em 1863, e *j'avais alors vingt ans.* Isto cantado era muito bonito n'esse tempo.

Eu porém, repito, com a petulancia dos meus vinte annos, entendi que devia derriçar pela phrase do nobre presidente da camara dos deputados d'esse tempo, cujo nome deploro que me não occorra agora.

Comecei pois a demonstrar-lhe, com mais galhofa que seriedade, que, sendo a *ordem do dia para ámanhã a continuação da mesma*, era *a continuação da ordem do dia para ámanhã*, e que, além de ser estranho que a *ordem do dia para ámanhã* fosse a continuação de si propria, acontecia que se ficava sem se saber o que era a ordem do dia para ámanhã.

E assim continuava n'uns periodos provavelmente muito semsaborões, mas que eu e Rodrigues achámos deliciosos. Eu a lêr, e elle a ouvir démos brado na visinhança; e estou certo de que, se nós dois fossemos o publico, o *Duende* tinha n'esse dia uma venda extraordinaria.

Infelizmente não eramos nós o publico, sendo por isso muito provavel que o *Duende* tivesse tido uma venda muito pouco extraordinaria.

Houve porém um sujeito que o comprou, e esse sujeito foi o presidente da camara.

O que é certo é que, d'ahi a dias, pego no *Diario* para me regalar com a leitura da phrase consagrada, e, com grande surpreza minha, vejo que o presidente se dera ao incommodo de dizer o seguinte: *A ordem do dia para ámanhã é a continuação da que estava dada para hoje.*

O *Duende* tinha-o convencido.

E nunca mais se disse na camara de outra maneira.

Se o sr. Pedro de Carvalho alguma vez se esfalfar antes de chegar ao fim d'esta phrase, que é um poucochinho comprida, já sabe quem foi o culpado: Fui eu. *In me convert te ferrum!*

Por causa do *Duende* e das suas travessuras acabou aquelle abençoado laconismo, que a ninguem fazia mal, e que todos entendiam. Quem sabe até se da abolição d'essa velha formula não resultariam todos os males que teem affligido o paiz, e tudo o que tem abalado o systema e as instituições parlamentares? Pobre presidente! Foi o unico homem que eu converti desde que sou jornalista, e afinal de contas nem lhe sei o nome!

PINHEIRO CHAGAS.

AMOR-ABYSSUS

Como um barco sereno, deslisando
Na tunica vastissima do mar,

A minh'alma febril vae-se embalando
Na rede luminosa d'esse olhar.

E eu que vivo da luz que tu derramas
Do teu rosto celeste e seductor,
Sabendo que amas outro e me não amas,
Sinto a alma partir-se-me de dôr!

E assim como esse barco, naufragando
Sobre as ondas olympicas do mar,
A minh'alma febril vae-se afundando
No abysmo fascinante d'esse olhar!...

Se gostasses de mim!... Como uma rosa
Que se abre de manhã toda orvalhada,
A esperança que eu sinto, vigorosa,
Resurgiria então illuminada!...

Mas eu bem sei que me aborreces, q'rida,
Bem sei que me detestas... e depois
Vê tu, para desgraça d'esta vida,
Que diff'rença não ha entre nós dois:

O meu olhar p'ra ti causa-te odio,
O teu é para mim a luz dos ceus:
Quando me vês, tu chamas-me Demonio!
E eu, se te vejo a ti, chamo-te Deus!...

Mas assim como um barco, naufragando
Sobre as ondas olympicas do mar,
A minh'alma febril vae-se afundando
No abysmo fascinante d'esse olhar!...

Lisboa—1886. EÇA DE ALMEIDA.

ESTUDOS LITTERARIOS

BALZAC NA INTIMIDADE

Um curioso estudo de Gabriel Ferry, em que o critico evidenceia, com um grande poder de intuição e de analyse, muitos lados obscuros da individualidade de Balzac, impelle-nos a reatar o fio d'esta modesta tentativa de reviviscencia litteraria e psychologica.

De resto, a possante estatura do romancista da *Comedia humana*, a complexidade da sua exuberante natureza, a subtil delicadeza e o estranho vigor do seu talento, não serão nunca sufficientemente estudados, nem mesmo pelos que possuem a dupla vista, o sexto sentido genial, indispensavel a quem se proponha fazer a critica do Mestre.

Occupemo-nos hoje exclusivamente de Balzac intimo, da grande creança enthusiasta e credula, que se occultava sob o brilhante envolucro do escriptor.

Durante o inverno de 1831-1832, o grande romancista foi o protogonista de uma aventura, cujo desenlace feriu, simultaneamente, o seu coração e o seu amor proprio.

Balzac tinha ido passar alguns dias a casa de um dos seus amigos, na Touraine.

Um dia, o correio de Paris trouxe-lhe uma carta escripta com uma calligraphia aristocratica e distincta, assignada por «Uma mulher que não quer ser conhecida».

O escriptor, já então em plena voga, recebia frequentemente cartas no genero d'esta.

A correspondente anonyma queimava o incenso do louvor aos pés do romancista, descrevia-lhe a indelevel impressão que lhe tinham causado as suas obras, fazendo todavia varias restricções a proposito da *Psyologie du mariage* e da *Peau de chagrin*.

A ausencia de banalidade que se notava no tom geral da missiva, attraiu a resposta de Balzac.

Entabolou-se a correspondencia, que se prolongou por espaço de algumas semanas, sem que a anonyma quizesse revelar a sua identidade.

Por ultimo, o romancista ameaçou com o silencio a sua admiradora, se ella não assignasse as cartas.

Esta enviou um *poulet*, rescendente a iris, rubricado pelo nome da duqueza de Castries!

A duqueza de Castries era uma das mais aristocraticas estrellas do faubourg Saint Germain; pertencia á familia de Maillé, casára com o duque de Castries, par de França, durante o reinado de Carlos X, sendo por esse facto cunhada do espirituoso duque de Fitz James.

No célebre grupo das mulheres da Restauração, um grupo que parece arrancado a um pastel de Latour, a duqueza fulgurava como um astro de primeira grandeza.

Quando ella apparecia nos bailes da duqueza de Berry, os homens abriam alas e um murmurio admirativo envolvia-a como a fragrancia de um thuribulo.

Philarète Chasle, um assiduo do salão da duqueza de Castries, em 1831, descreve-a nas suas *Memorias* com a habitual mordacidade, inseparavel da penna do implacavel critico:

—«Um dos espectaculos mais atrahentes do nosso seculo, escreve Philarète, é ver á noute, em uma pequena sala singelissima, mobilada á antiga, com mezas volantes, *guéridons*, almofadas de velludo usado e biombos do seculo XVIII, esta mulher doente, os rins esphacelados, languidamente estendida em uma *chaise longue*, descançando no estofo a cabeça nobre e cavalheirosa. Perfil mais romano do que grego, cabellos encarnados, desassombrando-lhe a testa espaçosa e branca e assimilhando-a a sr.ª de Barabère:—é a duqueza de Castries, nascida de Maillé, parenta dos Fitz James, dos Montmorency, de todo o nobre *faubourg*. Ligada, por obra e graça de Cupido, ao joven Metternich e acompanhando-o nas caçadas, a duqueza teve a infelicidade de cair do cavallo, partindo a espinha dorsal. Um semi-cadaver elegante, eis em que se tornou hoje essa bella, deslumbrante de frescura, que ao entrar em uma sala, aos vinte annos, o vestido nacarado pendendo-lhe dos hombros dignos do Ticiano, apagava litteralmente o brilho das luzes.»

Philarète Chasle via tudo em negro, uma questão de retina. A verdade é que a queda não estropiára a duqueza de Castries, nem a reduzira ao estado de semi-cadaver elegante.

A catastrophe déra ao rosto da duqueza uma vaga expressão de melancolia resignada e de soffrimento latente.

A cabeça coroada de uma juba veneziana, conservára a sua peregrina beleza.

A duqueza contava na epocha da correspondencia com Balzac 35 annos; de toda a sua pessoa exhalava-se a seducção indispensavel para despertar o amor.

Balzac encontrára-a, precedentemente, na sala da princeza de Bagration; a duqueza não lhe dirigira a palavra, o romancista suppoz que lhe passára desapercebido; o seu orgulho lisonjeou-se pois, duplamente, ao receber as cartas da *grande dame*, assim como o gracioso convite para frequentar as salas do palacio de Castries.

E' curioso saber-se a effusão com que Balzac responde ao convite da duqueza:

—«Digne-se, minha senhora, acolher os meus affectuosos agradecimentos e a expressão do meu profunda reconhecimento pelo testemunho de confiança que lhe aprouve dar-me. E' tão raro encontrar corações nobres e amisades verdadeiras! Tenho tão poucas affeições sinceras em que possa acreditar, que acceito, mesmo expondo-me a perder muito em ser conhecido, o seu gracioso offerecimento.»

O escriptor, empregando uma tactica verdadeiramente masculina e querendo insinuar-se na sympathia da duqueza, descreve-se, elle, o *gâté* das mulheres, sob o aspecto de um homem destituido de affectos verdadeiros. Como se revê n'este ligeiro traço o grande analysta da alma humana, e sobre tudo da alma feminina!...

Não tardou que o auctor da *Comedia humana* se tornasse um dos *habitués* do palacio da rua de Varenne.

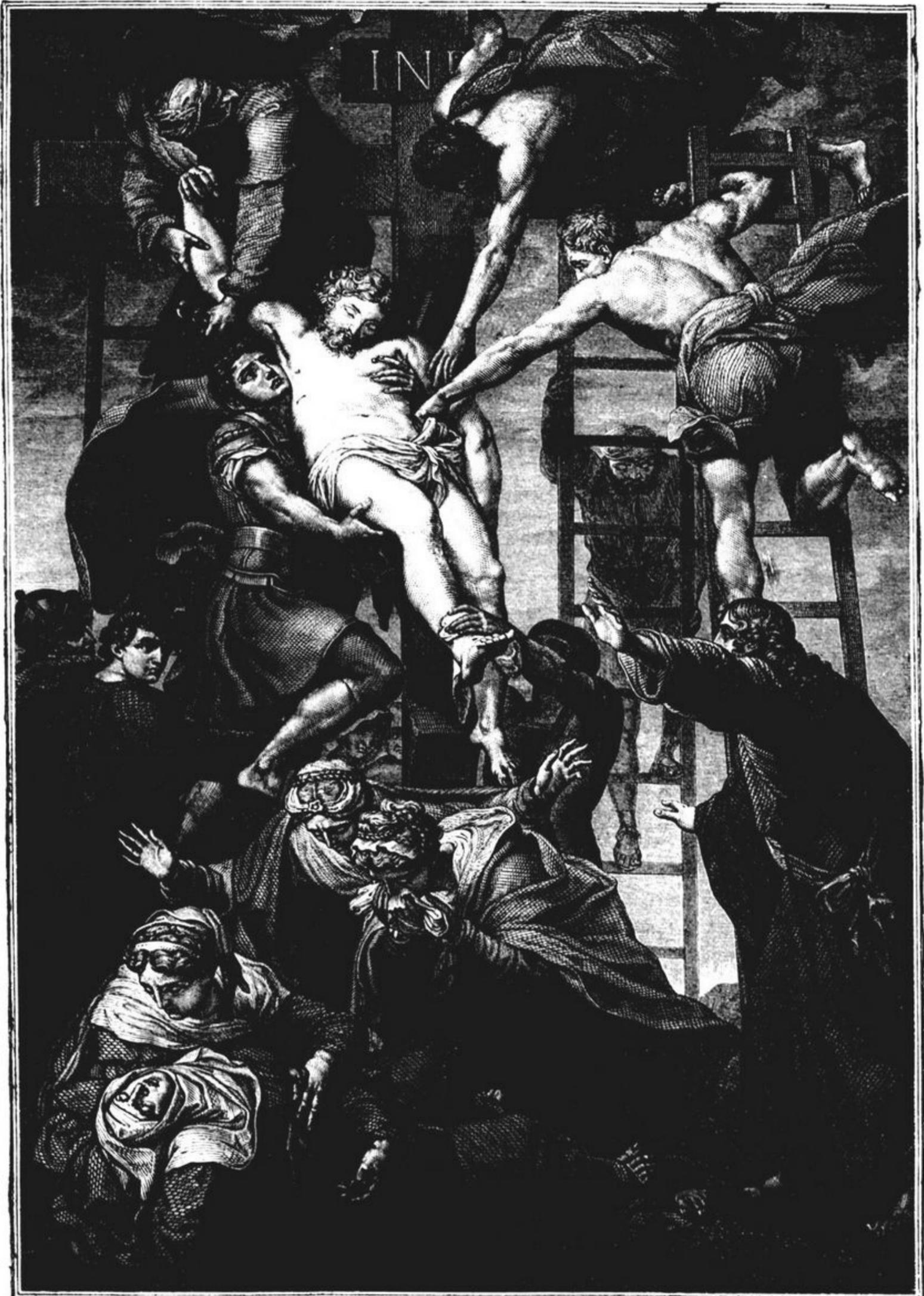
Essa delicada organisação de aristocrata, que Balzac via pela primeira vez na intimidade do gabinete, encantou-o, fascinou-o! A duqueza inspirou-lhe uma amisade enthusiasta, uma amisade cerebral, mixto de phantasia, de vaidade e coração. Afinal, a duqueza de Castries não passava, no moral, de uma mulher *coquette*, espirituosa e fina, com uma superficie de sensibilidade, de devoção, de mundanismo: uma genuina parisiense, com todas as brilhantes qualidades exteriores que lhes são proprias, refinadas pelo luxo, a educação e a fidalguia; mas tambem com todos os seus defeitos e aridez de coração; em resumo, uma d'essas mulheres a quem não se deve nunca pedir amisade, amor, dedicação, além do que ellas podem dar, da ephemera e postiça sensibilidade que a natureza lhes emprestcu.

Os romances, as cartas de Balzac, tinham estimulado o interesse á duqueza de Castries; a presença do romancista na sua sala lisongeou-lhe o amor proprio. A *grande dame* acolheu, enlevada,as assiduidades de um auctor em moda, do subtil psychologo iniciado na complicada sciencia do coração feminino.

A curiosidade revestiu o aspecto de affeição, que illudiu o ingenuo Balzac. A duqueza enfeitiçava-o com a sua exercitada *coquetterie* de salão; acolhia-lhe as confidencias, animava-o na sua valente tarefa de lutador, sorria-lhe com o seu doce sorriso melancolico e frio como uma flor de neve.

O grande escriptor tomou a nuvem por Juno e acreditou haver inspirado um sentimento, que a duqueza não experimentou nunca.

O inverno de 1832 foi um longo encantamento para Balzac.

A natureza inpressionavel e amante do romancista, deixou-se influenciar pelas idéas, pelos gostos, pelas opiniões da sua nova amiga. Em seguida a uma discreta allusão da duqueza, a proposito da pouco correcta *toilette* do escriptor, Balzac metamorphoseou-se. Os seus enormes colletes brancos, a sua espectaculosa cazaca azul de botões dourados, uma cazaca que passou á posteridade, atravessaram triumphantes peles *boulevards* atonitos. Foi n'essa época que Balzac estreiou a famosa bengala de castão guarnecido de turquezas, immortalisada no romance de madame de Girardin: *La canne de M. de Balzac*.

A.PAQUIER DEL. DANIEL DE VOLTERRE PINX. J.ROBERT SC.

A DESCIDA DA CRUZ

O Mestre exhibia-se na Opera, no camarote *infernal*, ostentando a sua forte musculatura de gaulez da escola de Rabelais, no grupo dos dandys da época.

A casa do escriptor passou por uma transformação identica áquella que revolucionou a sua maneira de vestir: os objectos artisticos, os *bibelots*, as finas elegancias parisienses accumulavam-se em torno do favorito da duqueza.

As enormes dividas de Balzac não obstaram a que o romancista comprasse carruagens, cavallos, abandonando-se, sem restricções, ao vertiginoso turbilhão parisiense e apparecendo no Bosque, todas as tardes, como qualquer dos opulentos ociosos, que circulam na avenida da Opera.

Madame Calland, verdadeira amiga do romancista, exprobou-lhe a prodigalidade.

Balzac responde-lhe n'esta carta, que reflecte a elevação do seu caracter:

«Supplico-lhe que me comprehenda melhor. Dá mais importancia do que eu ao frivolo prazer de passear no Bosque. E' uma fantasia de artista, uma creancice ruinosa. A minha casa é um prazer, uma necessidade, como aquella de ter roupa branca e de me lavar. Adquiri o direito de viver no meio de uma certa opulencia; amanhã, se for preciso, voltarei sem saudade, sem me lastimar, para a mansarda do artista, o quarto pobre e humilde, preferindo a tudo não ceder a uma suggestão vergonhosa, não me vender a ninguem!»

(Continúa.) GUIOMAR TORREZÃO.

CONTOS DA RUA

AS FONSEQUINHAS

A mãe um dia apanhou-lhe uma carta. Houve scena de lagrimas, indignações violentas, ameaças.

—Ou tu deixas esse namoro, ou eu digo tudo a teu pae! Não tem vergonha! Um relaxado, um extravagante que não tem onde caia morto! Livra-te tu se eu sei...

E tinha o olhar irado para a filha, que soluçava ao canto do quarto.

N'essa noite, quando veiu a Leonor, uma antiga amiga de collegio, levou-a lá dentro, ao oratorio, e mostrou-lhe o papel apprehendido.

—Ora vê tu lá! Lê, lê isso...

A Leonor leu a meia voz, muito seria, muito judiciosa.

—Isto então é do Carlos, hein?

—Sim, é d'esse pelintra!

—Pois, minha filha... se queres que te diga .. Olha que escreve bem! Sim, senhor! Bem bonita letra! Ih! que de coisas que elle aqui diz!!

—Idiota! Não é isso que te pergunto. E's parva! Quero que me dês a tua opinião. A rapariga parece gostar d'elle, mas eu é que não consinto em semelhante namoro. E' um desavergonhado! Anda ahi que é mesmo um valdevinos. Eu préguei um sermão á pequena; e, ou ella me obedece e o deixa, ou eu vou pôr tudo em pratos limpos ao Manuel.

—Mas... oh, mulher, valha-te não sei que diga... Então tu não sabes que o Carlos....

—Não m'o venhas defender! não quero ouvir nada! O namoro ha-de acabar! quem t'o diz sou eu...

- Mas olha tu...

—Não m'o venhas defender, já disse!

—Não defendo, não, mulher. Espera; ouve... Estás toda accesa! Oh! senhores! que polvora! Ia-te eu dizer que o Carlos ..

—Sim, e então? O Carlos... o que tem o Carlos?

—Pois ahi é que está; é isso mesmo: o Carlos tem mais do que tu imaginas.

—*Han!?*

—E' isto que te digo. Pois não sabes que o rapaz é as meninas dos olhos da tia, a Palmira?

—E então?

—Então... E' que ja fez testamento a favor do sobrinho.

—Devéras?

—Disse-m'o o Pontes tabellião.

—Mas então o Zacharias, que toda a gente dizia que se alapardava com o dinheiro da velha?

—Isso são contos largos.. Sabes lá! Elle pelos modos tinha *outra* ahi pr'ás bandas do Calhariz; e vae a velha, que soube... não sei se te conte...

—Que me dizes?! Oh! que bem feita coisa! O Zacharias! E estalou-lhe a castanha na boca, hein?

—Sim, mas depois de se ter aproveitado muito bem...

—E é verdade que bastante lhe chupou!

—Mas olha que a Palmira tem ainda uma boa casa—Não é pr'a ahi qualquer coisa! Só em inscripções tem ella uma *dinheirama*...

A dona da casa tinha-se sentado; estava mais branda, ouvia toda interessada, fazia perguntas minuciosas ácerca do rapaz.

—Mas dizem tantas coisas d'elle...

—Mexericos, filha! E' até um bello moço, bem fallante, muito pacato. Não tem hoje... um dia terá. Deixa, tola! Olha que é um bom partido para a pequena. Gosta elle d'ella? Eu cá digo que sim. Pois se basta ver este papel...

E a Leonor tinha palavras convincentes, mostrando vantagens. Commentaram as phrases todas da carta—uma carta muito terna, escripta em papel fino, pautado a agua.

—Ora vê o que elle diz aqui: «A pobreza não é um crime !! sou pobre, sim, mas amo-te muito, minha Maria!!» Vês tu? Faze a vista grossa; segue o meu conselho.

....

D'ali em diante a filha recebia carta todos os dias, e á noite fallava da janella com o namorado, até ás onze e meia, hora a que o pae saé do Gremio.

Viviam n'uma rua estreita, em predio de dois andares. Em frente era a casa das Fonsequinhas, duas irmãs solteiras, muito trigueiras e muito magras, de cincoenta annos.

Ninguem gostava d'ellas. Tinham fama de intrigantes e maldizentes.

Sabiam tudo o que se passava no bairro, iam a todas as festas de egreja, sempre juntas, devagar, retardando o passo, parando em todas as montras. E á volta entravam no mercieiro da esquina «a descançar um bocado.»

—Então que ha de novo, sr. João? que ha de novo?

—Ora! tudo velho, minhas visinhas.

—Então não nos conta nada hoje?

—As senhoras é que *hadem* saber...

—Nós? Ai! nós não sabemos nada, visinho. Mettidas na nossa casa não nos importa coisa nenhuma! Não é verdade, mana?

—Está bem de ver...

—Mas é que é lá mesmo ao pé da sua porta...

—A' nossa porta? Que me diz, sr João?!

—*Nenja* que eu cá visse... nada, não senhor... Lá a minha companheira é que *toscou* o gajo...

—Em nome do Padre, do Filho e do... Oh! visinho! Diga-nos depressa o que foi... Oh! Jesus! Toda eu estou tremendo!!

—Então não sabiam?

—Mas o quê, senhor? o quê?

—O derriço do Carlinhos com a sua visinha...

—Santo nome de Maria! Mas que é isso da nossa porta?

—É que é á sua porta que elle se põe...

—A' nossa porta?! Ai! que desaforo! Não ouve isto, mana? A' nossa porta! Ai! vamos, vamo-nos embora...

E despediram-se, muito vermelhas, furiosas.

N'essa mesma noite espreitaram e viram o Carlos encostado á parede, debaixo das janellas. Sairam logo de casa: precisavam desafogar com alguem.

As do segundo andar admiraram-se da visita áquella hora.

Ellas entraram muito enfiadas.

—Mas que é isso? que aconteceu, minhas amigas?

—Sabem lá! O patife! Aquelle desacreditador!!

—Mas quem?

—O senhor Carlos...

E contaram tudo quanto sabiam do namoro com a Maria.

—E nós sem sabermos nada! Se não é o mercieiro... sim, se não é elle... Nós muito descançadas na nossa cama, e o tratante...

—Mas que tem lá isso?

—Que tem lá isso!? Essa agora, visinha!

—Sim, que tem lá isso? Deixem o rapaz namorar.

—Que tem lá isso? Essa não parece sua! E nós? e nós?!

—Nós o quê?

—Então não sabe que vivemos no primeiro andar?

—E depois?

—E depois.. não é verdade, mana?

—Está bem de ver...

—Mas acabem de uma vez. O que é que é está bem de ver?

—Quem passar pela rua e vir um homem embuçado ao pé da nossa porta... sim... Ai! meu Senhor Jesus crucificado! Que vergonha! E nós então que temos tanto medo das linguas do mundo!...

LOPJÓ TAVARES.

A UNS OLHOS

(M.)

N'um cofre marchetado a ouro fino
E coberto de rica pedraria,
Guardára eu o teu olhar divino,
—Poema de poesia.

N'um cofre de finissimo crystal,
Guarnecido d'estrellas e de soes,

A FADA DA MONTANHA

Guardára o teu olhar sempre ideal,
—Ninho de rouxinoes!

Mas o cofre mais puro e mais sagrado,
Que eu dera a essas joias,—astro ou flôr!—
Era o meu peito, altar immaculado,
E sacrario d'amor.

16—3—86. ABILIO MAIA.

A TORTA

(CONTO POPULAR)

No solo extraordinariamente accidentado de Lisboa, ha um systema de ruas em declive, que ligam as depressões de terreno entre si. Chama-se a essas ruas—travessas, e descem, por exemplo, da rua alta do Passadiço, para a rua baixa de Santa Martha. E' a uma d'aquellas curiosas travessas—a do Açougue Velho, que vamos arrastar o leitor.

N'uma loja de uma só porta e um só postigo escancarado e negro como a bocca de um forno, vivia ha pouco tempo ainda um cauteleiro, homem dos seus quarenta annos, já grisalho e viuvo, tendo por unica companhia, uma filha de quatorze annos, mas tão enfezadinha, tão amarellita, tão andrajosa, que parecia não ter de edade mais de dez.

Para cumulo da sua desgraça, a infeliz creança era cega de um olho, por causa de uma pedrada que levára em pequenita. Este defeito physico, valera-lhe a alcunha de Torta. E tinham para ella modos sacudidos e desdenhosos, as senhoras visinhas, todas orgulhosas dos seus anafados pimpolhos, aos quaes não faltava olho nenhum, diziam ellas, coruscantes de enthusiasmo, da varanda abaixo.

A pequena, porém, parecia insensivel a estas escoriações moraes, e cravava com incrivel malicia, no synhedrio mulheril da travessa supracitada, os seus ditos agudos e picantes, em que havia ao mesmo tempo a lama das ruas e a mascula audacia, copiada *d'aprés nature*, na convivencia da academia esfarrapada dos garotos de Valle de Pereiro.

A rapariga era um rapaz na audacia de repicar ás campainhas das portas, para obrigar as sopeiras afogueadas de indignação, a assomarem ao peitoril das janellas flanqueadas por vasos de mangerico.

Ninguem lhe ganhava tambem em dar ás de Villa Diogo, desapparecendo com a rapidez da corça e a malicia da raposa. E tão eximia se tornava n'estas africas, que chegava a assombrar o rapazio de dois kilometros em redondo. Havia até um, o Jacintho da adela, o cherubim do rancho, louro e com os olhos da côr do ceu, que tinha pelas habilidades da Torta, essa admiração que se sente pelos entes superiores.

O pae da rapariga, um bebedo *comme il faut* a um vendedor de cautelas, não se importava absolutamente para cousa nenhuma com a filha. Ella não lhe pedia de comer, nem de vestir, porque seria tempo perdido. Fazendo voltas na rua, á visinhança, durante o dia, dava-lhe uma o almoço, outra o jantar, outra a ceia. Duas barrigas que ella tivesse, ainda seriam pouco para tamanho regabofe de batatas com atum e açorda d'alho.

Fato, era pouco o que necessitava; bastava-lhe uma saita de percale pela canella e uma camisa com um jaquetão de lã, agazalhando-lhe o tronco. Na cabeça a brusca ventania por todo o conchego e o sol doirando-lhe os cabellos como um bonnet de luz.

O pae comia pelas tabernas e não lhe dava nem a sombra de cinco réis. Absolutamente bebado, recolhia alta noite, depois de uma seroada nos cafés da Mouraria. Atirava-se para cima de um velho catre, que uma manta de soldado fingia cobrir.

N'aquelle lar, tão falso como o de um theatro, não havia fogo, nem pão. Tambem não havia vinho, porque o dono da casa o trazia todo cuidadosamente armazenado no estomago.

Coisa estupenda e muito para philosophar sobre a mesologia proletaria. N'aquelle antro, onde vegetavam duas creaturas nas mais extraordinarias condições do *ménage*, havia uma felicidade relativa. O cauteleiro não era o algoz da pobre creança. Não lhe batia, não lhe exigia serviço de especie nenhuma. Não a interrogava. Dava-lhe completa liberdade d'acção e de pensar. Nem averiguava d'ella, se embolsava dinheiro. Não queria saber como se arranjava para viver. Era um pae fóra do commum.

A Torta, tambem pelo seu lado, considerava o cauteleiro mais como irmão, como um companheiro de casa, do que um pae. Não o apoquentava com nenhum pedido, com a mais insignificante traquinice. Incapaz de pegar n'uma agulha, nunca lhe passára pela mente que o pae precisasse de uns pontos n'uma camisa. Elle tambem nunca lhe fallára em semelhante cousa. Este caso estranho, fazia explosir valentes tiradas de indignação, ás matronas da travessa do Açougue.

—Tinha-se lá visto nunca uma pouca vergonha semelhante! berravam ellas gesticulantes e apopleticas.

Corriam as cousas n'esta afinação, quando um acontecimento inesperado commoveu até ás entranhas todas as sopeiras emancipadas pelo casamento com policias civis, que constituem o grosso da população das travessas a Santa Martha. Entrou a variola n'aquelles sitios, onde não reina positivamente a hygiene mais pura, e desatou a mandar para o cemiterio duzias de *louras creanças*.

O Jacintho, o predilecto da Torta, o filho da adela, um garoto de treze annos que parecia ter dezesseis, graças ao desenvolvimento precoce dos exercicios athleticos em pugilatos gigantescos com todos os pimpões da sua edade e feitio, caiu na cama com bexigas negras.

Ora, a Torta, adorava-o. Adorava-lhe a força muscular, o bem torneado do tronco, a belleza physica, os seus olhos de pomba, redondos e ternos, quasi sem malicia, o cabello d'oiro a fluctuar ao sol, como chammas, as carnes de um branco suave, esplendidas, com colorações de uma riqueza sanguinea côr de romã. A sua voz meiga, ductil, feiticeira, vibrava aos ouvidos da pobre rapariga como uma campanula de crystal.

Amava-o. Ai! como ella o amava, coitada! Coração faminto de affectos pela ausencia de carinhos de familia, tomara amizade sem saber como, áquelle rapaz tão lindo, tão gentil, que corria ao lado d'ella pelas terras de Valle de Pereiro, não se parecendo nada com os outros garotos, por mais agil, mais robusto e mais engraçado do que elles. E d'ahi, a voz que era uma musica, quando a dos outros era rouca e brutal. E a mãe, que o trazia sempre secio como um principe, apesar d'elle ser um estraga-albardas?

A Torta era um raio para os outros rapazes. A sua mão debil e angulosa, caía como um martello de ferro em cima do desgraçado que ousasse feril-a na sua susceptibilidade de aventureira. Mas o Jacintho, quando se zangava com ella, batia-lhe, espancava-a litteralmente. E ella—oh! espanto!—humilde como um cão, olhava-o com ternura, parecendo aspirar com volupia o forte cheiro de cigarro que se evolava das pontas dos dedos roseos do rapaz, quando a mão d'elle estalava com uma sonoridade implacavel sobre a cabeça, sobre os hombros e sobre o peito d'ella!

No meio da surpreza geral dos outros garotos, a Torta, quando elle acabava de a espancar, desapparecia a correr e voltava momentos depois com um macinho de cigarros, que fora comprar para lhe offerecer. Sabia que isso o desarmava. Então o Jacintho, deitando rapido a unha aos cigarros, sorria-se para a pobre rapariga e deixava-se abraçar e beijar loucamente por ella. E' esta affeição que explica o que se vae passar.

As bexigas pretas na sua emergencia, lavravam a sentença de morte sobre a epiderme do juvenil enfermo. A mãe, louca de dôr, por ser aquelle o unico filho, mandava, despedaçando-se em soluços, arranjar o caixão. E sem ninguem em casa, porque era só mais o filho que ella muito amava, com esse fanatismo de mãe que só conta um descendente, torcia os braços com desespero, sem poder voar a todo o instante ao medico e á botica.

Viu-se então no sitio, alguma cousa de sublime como o gaz azul e oiro que sae da podridão. A Torta, a suja e andrajosa Torta, sabedora da fatalidade que caira em cima da cabeça, da vida da sua vida, da alma da sua alma, do seu querido Jacintho, emfim, correu como um furacão a casa d'elle, acercou-se-lhe do leito, encheu-o de beijos, com um ardor selvagem, sem a menor repugnancia e hesitação, diante da adela espantada, e declarou firmemente que estava resolvida a não sair mais d'ali.

O coração de uma mãe, é uma pedra de toque maravilhosa para avaliar as sensações mais occultas e delicadas. A adela percebeu n'um relance, pela voz, pelo olhar, pelo arremesso da Torta, quanto amor, quanta ternura, quanta dedicação jaziam escondidas n'aquelle corpinho tão ridiculo, e n'um arranco de enthusiasmo estreitou-a nos braços. Os soluços das duas mulheres confundiram-se. O unico olho da Torta brilhava desmesuradamente. E' que, pela primeira vez na sua vida, comprehendia o amor de mãe, essa incommensurabilidade que escapa a toda a analyse humana.

A Torta installou-se no quarto do enfermo e nunca mais arredou pé do leito. A' noite estendia-se no chão, em cima de uma manta, ao lado da cama d'elle, e levantava-se cem vezes com uma solicitude angelica, para lhe dar agua, para o desaffrontar da roupa, para lhe ministrar os remedios, fallando-lhe, acariciando-o, procurando na voz as inflexões mais doces, mais alegres.

Chegou o momento fatal e tudo acabou. O Jacintho morreu. Mettia horror, desfigurado, medonho, massa informe, um cepo de partir lenha, onde se procurava debalde os traços divinos da belleza que lhe dera o Creador.

A' roda da casa tinham as vizinhas estabelecido um cordão sanitario para os seus filhos, e por isso, dos seus alegres companheiros de infancia, só o sol e o ar penetravam livremente pelas janellas, indo beijal-o no caixão mortuario. Aquelles com quem elle repartia bizarramente cigarros e... socos, fugiam. E' assim o mundo. Sómente a humilde Torta e a mãe, estavam firmes nos seus postos.

As duas creaturas, sósinhas, amortalharam o cadaver do rapaz, e á saida para o logar d'onde se não volta mais, viu-se se

guir a Torta, mais pallida do que um defunto, atraz da carruagem que levava o caixão.

Ninguem mais a viu n'aquelle dia, nem durante o dia e a noite seguintes. O pae dizia que ella não tinha ido pernoitar a casa. As visinhas perguntavam com anciedade o que teria sido feito d'ella, quando os jornaes puzeram cobro a tamanha incerteza com a noticia extraordinaria de um crime medonho. Tinha apparecido nas terras de Valle de Pereiro, o cadaver de uma infeliz rapariga maltrapilha, cega de um olho, com um grande golpe no sangradoiro esquerdo. Junto d'ella, fôra encontrada uma navalha de ponta e mola com que havia sido evidentemente commettido o crime. Traço caracteristico (dizia o jornal): encontrara-se-lhe um macinho de cigarros dentro do seio.

Esta noticia foi um raio de luz sobre o destino da Torta. Não havia um crime, mas um suicidio. A navalha era do pae, a quem ella a tirara na vespera. O cauteleiro reconheceu a sua *naifa* quando foi esclarecer a policia. O macinho de cigarros não era o symbolo do vicio, mas uma tocante recordação do Jacintho. Fôra o ultimo macinho de que elle fumara. Encontrara-o ella na algibeira da jaqueta do rapaz e mettera-o logo no seio; o proprio sitio do seu martyrio—o Valle de Pereiro, era uma recordação.

O que se passaria durante aquella noite terrivel no cerebro da pobre creança?

Só Deus o sabe.

Abril, 1886. José Maria da Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS PASTORES

A nossa estampa representa um dos quadros mais notaveis do grande pintor Raphael Sanzio.

Na expressão dos gestos e das attitudes, na coordenação das figuras, e na significação dos varios detalhes, sempre admiraveis quer na escolha, quer na sobriedade, adivinha-se o pincel inspirado e prodigioso do genial artista, que assombrou o mundo com o seu talento incomparavel.

A DESCIDA DA CRUZ

Esta gravura reproduz a obra-prima de Daniel de Volterre, a preciosa têla a que o grande artista deve toda a sua celebridade.

Nenhum viajante, ao chegar a Roma, deixa de ir admirar o famoso quadro na egreja da Trindade-do-Monte.

A principal composição da capella d'aquella egreja representa a *Descida da Cruz*.

Na parte superior do quadro, Nicodemus e dois outros discipulos arrancam os cravos que prendem o corpo de Christo ao lenho infamante. A querida victima cairia inerte se não fôsse amparada por um quarto discipulo, que a recebe nos braços. S. João accode do outro lado, como que para dizer um ultimo adeus áquelle que foi seu mestre, e a Virgem, esmagada por um espectaculo tão doloroso, cae desfallecida aos pés da cruz. E' no grupo da Virgem, rodeada das santas mulheres inclinando-se para ella em choros, que Daniel de Volterre demonstrou arrojo no desenho, grandeza nas attitudes e sentimento dramatico. O estylo do desenho das cabeças é bello, as roupagens são grandiosas; a concepção do conjuncto, bem como a dos accessorios, provam que o artista procurou principalmente a commoção, e que aquella tragedia o enterneceu, por isso mesmo que abstraindo do sentido religioso, é eternamente afflictiva. O corpo do Christo, visto de escorço e a cair como uma coisa morta, está admiravelmente desenhado.

A FADA DA MONTANHA

Foi uma lenda allemã que inspirou o author d'este formoso quadro.

Havia, em remotas eras, nas margens pittorescas do velho Rheno, um grande senhor feudal, que governava um forte castello. Este valoroso fidalgo tinha uma filha donzella, tão rica de bens de fortuna, como de formosuras e graças. Pagens e cavalleiros d'aquelle tempo, enfeitiçados pelos encantos da bella castellã, faziam-lhe um apertado cerco d'amor, mas a orgulhosa fidalga não se rendia aos seus galanteios e requebros; pagava-lhes o affecto em zombarias e sarcasmos.

Certo dia, o mais audacioso e o mais amante dos apaixonados infanções, propoz á esquiva donzella que lhe indicasse um feito de valor, cuja execução podesse rendel-a. O nosso cavalleiro estava decidido a tudo, comtanto que ella o fizesse possuidor da sua mão por tanto tempo ambicionada.

—Seja assim, respondeu-lhe a castellã: irás á *Rocha-virgem* colher a flôr do *esquecimento*; se voltares com o mesmo amor, depois de teres aspirado o seu perfume, serei tua.

Partio o esperançoso cavalleiro, e não voltou. Outros muitos partiram com elle, e tambem não voltaram. A tal flôr indicada adormecia os incautos que lhe aspiravam o perfume. Vinham depois as aguias, e precipitavam os desgraçados n'um abysmo proximo.

Morreram assim muitos, até que um dia, a gentil castellã desappareceu e nunca mais foi vista no castello.

Passado tempo, contavam os pastores que se via á noite a fada da montanha, envolta n'um veo de gaze, correndo por sobre as arestas vivas que cercavam a *Rocha-virgem*. Fôra condemnada, em castigo do seu orgulho, a fazer aspirar a flôr da *lembrança* a todos os viandantes que houvessem aspirado a flôr do *esquecimento*.

Eis, em dois traços, a lenda allemã que servio de thema ao author do quadro reproduzido pela nossa gravura.

SE ME DEIXASSES SALTAR!...

E' claro que se amam. Se assim não fosse, não os veriamos todos os dias á mesma hora, pela calada da noite, quer chova quer vente, n'aquelle doce colloquio apaixonado e terno, em que se trocam tantas promessas, em que tantissimas esperanças se alimentam.

Mas o Fausto tentador é pedinchão, e já não pode supportar o tropeço do muro do jardim, que o separa sempre da sua formosa Margarida. Aquella divisoria importuna incommoda-o; é como que uma couraça ás expansões do seu amor impetuoso e ardente.

Por isso elle lhe segreda agora esta supplica, que serve de titulo ao quadro, e que ella escuta ruborisada, voltando-lhe o rosto e cravando os olhos no chão:

—Se me deixasses saltar!...

Nós iamos apostar que deixa.

PAÇOS DO CONCELHO DA VILLA DO CARTAXO

De humilde e pobre aldeia, que era, ha seculo e meio, o Cartaxo elevou-se, pelo esforço dos seus filhos, até tomar logar entre as mais populosas e florentes villas do paiz.

Esta transformação foi operada pelas lides honrosas da industria, principalmente da industria vinicula, que ali se tem desenvolvido d'uma maneira assombrosa, nos ultimos tempos.

A villa do Cartaxo está situada em logar plano e elevado, a 13 kilometros de Santarem e 60 de Lisboa. A sua situação faz com que disfructe ares saluberrimos e gose de encantadores panoramas em mui dilatados horisontes.

Entre os seus varios edificios modernos e notaveis, figura o dos *Paços do Concelho*, que hoje reproduzimos em gravura, e que foi levantado no local onde existia um convento de franciscanos. Tem quatro fachadas com 32m,30 de comprimento e 28,85 de lar-largura. Desaffrontado dos quatro lados, deixa gosar de todas as suas janellas formosas e variadas perspectivas.

A sala das sessões da Camara mede 70 metros quadrados.

Estão n'este bello edificio, com a necessaria largueza e independencia, além dos paços municipaes, as repartições de justiça, da administração do Concelho, de fazenda e recebedoria, as escolas regias do sexo masculino e feminino, a Conservatoria, e a cadeia, que occupa dois pavimentos em uma das fachadas lateraes.

A praça onde se ergue o elegante edificio é toda arborisada, medindo 92m,40 de comprimento e 90m de largura.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Todos teem compaixão d'este peixe—3—1.

J. J. da Conceição.

Este deus aperta este tecido—1—1.
Repete este rio mitrado—1—1.
No corpo e na musica é animal superior—3—1.
Este appellido suja o animal—1—1.

Bouças. Costa e Silva.

SE ME DEIXASSES SALTAR!...

Na Allemanha, em Portugal e na Hespanha—1—2.

Monchique. JOAQUIM A. DA CUNHA.

Este meu parente deu-me uma flor admiravel—2—2.

Coimbra. LARBAC.

EM VERSO

Vou contar-lhes uma historia,
De uma bruxa malfadada,
Que eu ha annos conheci,
E que está hoje enterrada.

O Bem, nunca em vida fez;
Só o Mal, é que fazia;
Veio a ter tal nomeada,
Que toda a gente a temia.—1

Vendo-se então despresada,
P'ra o campo se retirava,
Como qualquer animal,
Que pelos bosques pastava.—2

Mas emfim, já foi levada
Pelo espirito do mal,
Aos infernos, onde dança
Talvez, a *dança* infernal.

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

Ao aprendiz desculpem a ousadia
De vir aqui depôr esta charada,
Que é, mas com respeito e cortezia,
Aos mestres dedicada.

Certa planta, mui cuidadosamente,
Eu aqui conservo, a todos velada,
E que em qualquer jardim, bem facilmente,
Póde ser encontrada.—2

Tendo-se a primeira letra tirado,
E sendo a palavra assim invertida,
Da antiga Roma, certo magistrado,
Vereis logo em seguida.—2

E para mais clareza, 'inda aqui digo,
P'ra que n'um prompto seja decifrada,
Que só na lua vê o meu amigo
O todo da charada.

MATHEUS JUNIOR.

EM QUADRADO

(Por syllabas)

—	—	—	N'esta cidade portugueza
—	—	—	E n'este pequeno rio
—	—	—	Ha uma provincia de Hespanha

MANACIO.

Logogriphos

(Por lettras)

(Ao sr. Alfredo L.)

Nome proprio—1, 7, 8, 9, 5, 10 11
» —2, 3, 5, 10, 7, 8, 11
» —5, 2, 3, 9, 4, 11
» —1, 6, 7, 8, 3

Nome proprio

Coimbra. LARBAC.

Da folha d'um certo arbusto,
Sem custo } 8, 3, 5, 6
Mui linda côr tirarão;—
Cousa liquida contenho,
Pois tenho } 4, 8, 6, 7, 2.
Este nome que me dão.
Quando alguem fôr viajar,
E' contar } 1, 8, 6, 2
Que a seguil-o não me esquivo;
Com elle sempre andarei
E serei:— } 5, 1, 8, 3
Qual pedra com attractivo.

Não imaginas, Pepita,
Como a minh'alma se agita
E o coração me palpita
Ao ver-te assim, tão catita,
Tão seductora e bonita,
Trajando com tanto gosto!...
Eu, não sei d'onde provenha
Esse condão, que acompanha
As *salerosas* d'Hespanha!...
Mais graça não ha quem tenha
Quando, com arte tamanha,
No *todo* adornam seu rosto!...

MIGUEL TH. DOS SANTOS.

Carta enigmatica

Amigo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Faço votos para que tu e tua 9, 3, 4, 2, 3, 7, 9 gosem perfeita saude.

Peço-te para dizeres ao 1, 9, 6, 4, 9, 3, 2 que me mande a 1, 7, 3, 4, 9 que ficou em cima da 9, 5, 1, 9; e ao 7, 3, 3, 2, 1, 6, 3, 1, 7, 2 que venha cá e traga o 1, 9, 5, 8, 2, para ir commigo a 10, 7, 3, 6, 10.

Teu amigo

9, 3, 9, 10, 4, 9, 1, 7, 2

Beja. JOÃO MONTEIRO.

Problema

Se n'uma escola se collocam 8 alumnos por banco, ficam 4 alumnos sem logar; pondo 9 em cada banco, ha 2 logares vagos no ultimo banco. Pergunta-se o numero de alumnos e de bancos.

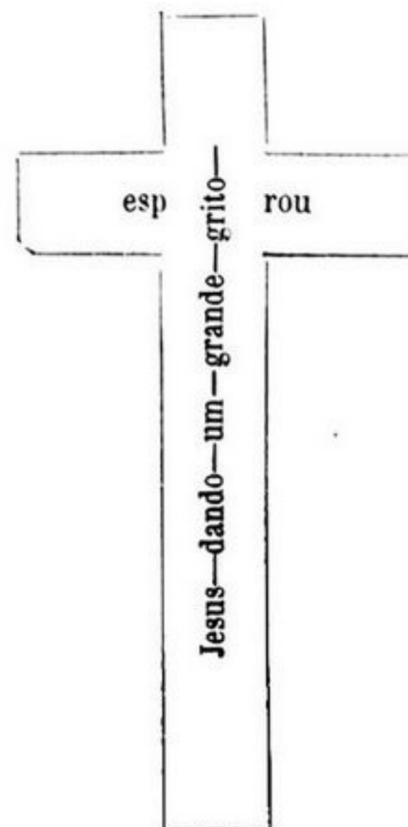
MORAES D'ALMEIDA.

N. B.—Este problema é o mesmo do ultimo numero, por ter sahido incorrecto.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Marcellino—Antala—Alliaria—Alivio—Rebuço.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Maçarico—Palmatoada.

DA CHARADA EM CRUZ:

DOS LOGOGRIPHOS:—Sensação—Agatomeroide.
DA CARTA ENIGMATICA:—Philomena.
DO ENIGMA:—Ignacio, Macario, Abrahão, Cesario.

A RIR

—Felizmente chegámos ao domingo de Paschoa, dizia certa peccadora a uma sua amiga intima.

—Pois que? Dar-se-ha o caso que comesses de magro durante toda a semana santa?

—E é verdade, minha querida. Jorge é muito beato, e se lhe não tivesse dado peixe... teria preferido ir jantar com sua mulher!

*

Scena de lagrimas entre mãe e filha:

—Ah! mamã! abandonada pelo primeiro homem que conheci! O que me está agora reservado? A deshonra!!!

—Não é tanto assim, minha filha. Eu, que te fallo, fui abandonada mais de quinze vezes... e comtudo conservei-me sempre uma senhora honesta! ..

UM CONSELHO POR SEMANA

REMEDIO CONTRA A GOTTA

Conhecem-se dezenas de remedios contra esta dolorosa enfermidade. Apesar d'isso, indicaremos hoje mais um, que se não fizer bem, tambem não poderá fazer mal, e está ao alcance de toda a gente. Consiste elle em comer aipo o maior numero de vezes possivel.

A VINGANÇA D'UMA VELHA

(IMITAÇÃO DO HESPANHOL)

(CONCLUSÃO)

A Mathilde sahiu correndo, e encontrou a tia fallando animadamente com o Felix.

—O meu sobrinho não imagina, exclamou a velha, levando aos olhos o seu fino lenço de rendas, a dôr que eu senti quando vi o desgraçadinho do cão subindo aos ares, meio enforcado e esperneando, que cortava o coração vel-o.

—E tem rasão, minha senhora, respondia o Felix.

—Ah! és tu Mathilde? exclamou ella, estava contando a teu marido a historia da morte do *Nini*. Tu não a sabes ainda, porque eu não te quiz affligir, pois sei que me estimas como filha; mas agora, que já lá vão tres annos, eu t'a contarei.

A Mathilde não duvidou mais que seu marido não se enganara, e voltando-se para o official, disse-lhe:

—Anda, Sebastião, vae lá acima, que o Felix está com uma grande dôr de dentes e quer-te fallar.

O Felix deu um pulo na cadeira e fitou o rosto tranquillo de Mathilde.

—Eu vou, senhora.

—Senhora! vociferou a velha tia. Ah, vocês estão de burro? pois eu os arranjo. Andem, façam as pazes, quero vel-os amigos. Vá, deem um beijo e um abraço, senão vou-me embora hoje mesmo.

Os dois não poderam mais. Lançaram-se nos braços um do outro, e aquillo foi uma inundação de beijos e abraços, que promettia não acabar.

—Ora bem, continuou ella, com um sorriso equivoco a brincar-lhe nos labios descorados; tornem á mesma, e verão.

O Felix sahiu correndo, e a Mathilde sentou-se ao lado da tia, que lhe affagava, sorrindo, as faces mimosas, muito vermelhas por aquella catadupa de beijos ardentes e apaixonados.

Pouco depois, o Sebastião, com a cara entrapada, deixando só ver os olhos e o nariz, descia a escada seguido pelo Felix e sentava-se na tripeça, deitando meias solas n'umas botas.

—Então os beijos fizeram-lhe bem, exclamou a velhota. Já me parecem mais amigos.

O Sebastião grunhiu um gemido.

—Ponha camphora, homem, ponha camphora, disse sentenciosamente a velha, levantando-se, e subindo a escada que conduzia da loja ao primeiro andar.

—Olha que tu não deves tomar a serio o teu papel, exclamou o Sebastião apenas os passos da velha resoaram no primeiro andar.

—O mestre duvida de mim?

—Não, mas a Mathilde é nova e eu não tenho geito para o que tu sabes.

—Oh, mestre não faça de mim essa idéa. Respondo pela sua fortuna e pela sua honra,

—Bem, bem, n'esse caso eu saberei fazer-te feliz.

Ao jantar, a velha contou de novo a historia do cão, com todos os seus detalhes e peripecias, e pedindo a sensata opinião do official, para aquella atrocidade, acrescentou que se um dia apanhasse o assassino do seu *Nini*, embora tivesse de gastar toda a sua fortuna, havia de se vingar d'elle.

O Sebastião levou a mão á cara e pareceu-lhe que os dentes lhe doiam a valer.

Chegou finalmente a noite e cada um foi ao seu quarto. A exigente e pacifica senhora, para se certificar de que marido e mulher estavam em boa paz, quiz vel-os abraçar e beijar na sua presença o que elles executaram sem se fazerem rogar.

—O Sebastião rugia furioso.

—Ponha camphora, homem, ponha camphora, disia ella com grande compaixão, e entrou no aposento que lhe tinham destinado.

*

Ainda estava acordada, mas já tinha apagado a luz, quando sentiu altercar no quarto da afilhada, que ficava contiguo ao seu.

—Lá estão elles na mesma, pensou ella; ora sempre quero ver o que fazem; e apesar da fraqueza e do frio, saltou da cama abaixo, e dirigiu-se para a porta que communicava com o quarto de Mathilde e no qual havia luz.

—Isto assim é que não pode continuar, dizia uma voz aspera e avinhada, que ella reconheceu ser a do official de seu sobrinho.

Tu e o Felix tomam a cousa a serio, e eu faço de panal de palha entre vocês, tanto mais que a maldita da tua tia gosta de os ver sempre aos beijos e aos abraços.

—Tu é que me obrigaste, respondeu a Mathilde.

—Pois sim, tens razão, porque se ella me visse, adeus fortuna, adeus futuro, adeus quinta, adeus tudo! mas vocês é que deviam ser mais comedidos. Aquelles beijos são demorados de mais.

—Ella assim é que quer.

—Qual quer nem meio quer, tu é que te vaes sahindo. Se o raio da velha não se vae amanhã embora, eu deixo o dinheiro ir por agua abaixo, mas aqui n'esta casa vae um banzé de mil diabos.

—Faze o que quizeres, que eu não sou ambiciosa; e a Mathilde metteu-se na cama.

—Aqui ha mysterio, pensou a septegenaria, e espreitando pelo buraco da fechadura quasi que ia cahindo desmaiada, ao reconhecer no verdadeiro marido de Mathilde o assassino do seu nunca olvidado *Nini*.

Teve forças para se arrastar até ao leito, e pela mente passou-lhe uma idéa infernal. A vingança, esse manjar, que a fabula diz ser dos deuses, sorrio-lhe com todas as suas diabolicas tentações. Era preciso vingar a morte do misero *Nini* espedaçado horrivelmente n'um campo arido, pela queda prodigiosa de centenares de metros, altura a que uma rajada de vento fez com que a estopa incendiasse o balão.

Levantou-se risonha e satisfeita, almoçou bem, fez muitas festas á afilhada e ao Felix, lastimou que o official ainda não estivesse livre das malditas dores de dentes, e quando acabou de almoçar, disse com toda a gravidade:

—Meus filhos, eu cada vez me sinto peior, conheço que dia a dia me foge a vida, as forças abandonam-me lentamente, possuo uma fortuna que deve hoje attingir a somma de trinta e seis contos de réis, não tenho parentes além de ti, minha boa Mathilde, e por isso peço-lhes que acceitem o serem meus herdeiros universaes, e desculpem se a minha velhice e achaques os incommoda.

Mathilde beijou chorando a boa velhinha, o Felix fez-se muito serio, e o Sebastião esteve quasi a tirar o lenço do rosto e a lançar-se ao pescoço dos trinta e seis contos.

—Conheço que os ares de Lisboa me fazem mal, continuou ella pausadamente, isto pode ir de um momento para o outro, tenho cá esta scisma, e por isso me quero retirar para a minha terra.

—Já, tia? exclamou a Mathilde, sinceramente pezarosa.

—Já, sim, minha querida filha, mas descança que não irei só.

Vocês acompanham-me, estão lá o tempo que quizerem e voltam depois.

—E o estabelecimento? exclamou o Sebastião.

—O estabelecimento fica sob sua responsabilidade, contestou ella; creio que o meu sobrinho faz toda a confiança no seu contra-mestre.

—Com certeza tia. respondeu o Felix muito alegre, olhando para a Mathilde.

—O Sebastião deu um grito.

—Doe-lhe mais? atalhou a velha com um sorriso. Pobre homem! Vocemecê não quer pôr a camphora...

—E quando partimos, tia? aventurou-se a dizer a Mathilde, que ia cobrando animo.

—Hoje á tarde, no comboio das sete.

—Bem, exclamou o Felix, que já estava resolvido a atirar-se ao mestre se elle descobrisse o logro; eu vou tratar de pôr tudo em ordem, ás sete marchamos, e ao passo que a Mathilde levava a tia a ver a cidade, o Felix sahia primeiro e só appareceu á hora do jantar.

O Sebastião, durante a auzencia da mulher e do official, teve ganas de não seguir avante aquella comedia, mas os malditos trinta e seis contos bailavam-lhe no cerebro n'uma dança macabra, de notas de vinte mil réis e libras sterlinas, que o desvairavam.

Aquella enorme fortuna não se podia perder pelos ciumes de uma coisa que era muito sua á face de Deus e da Egreja, e que mais sua seria, quando elle fosse senhor de trinta e seis contos de réis.

viu o Felix desmanchar as tranças da Mathilde, e a tia dar um beijo e um abraço em cada um e retirar-se aos seus aposentos, então é que as dores de dentes o atacavam a valer.

—Mathilde! gritou elle do meio da rua, agitando os braços tal e qual como fazia quando imitava a scena da velha do cão implorando aos espaços o seu *Nini*.

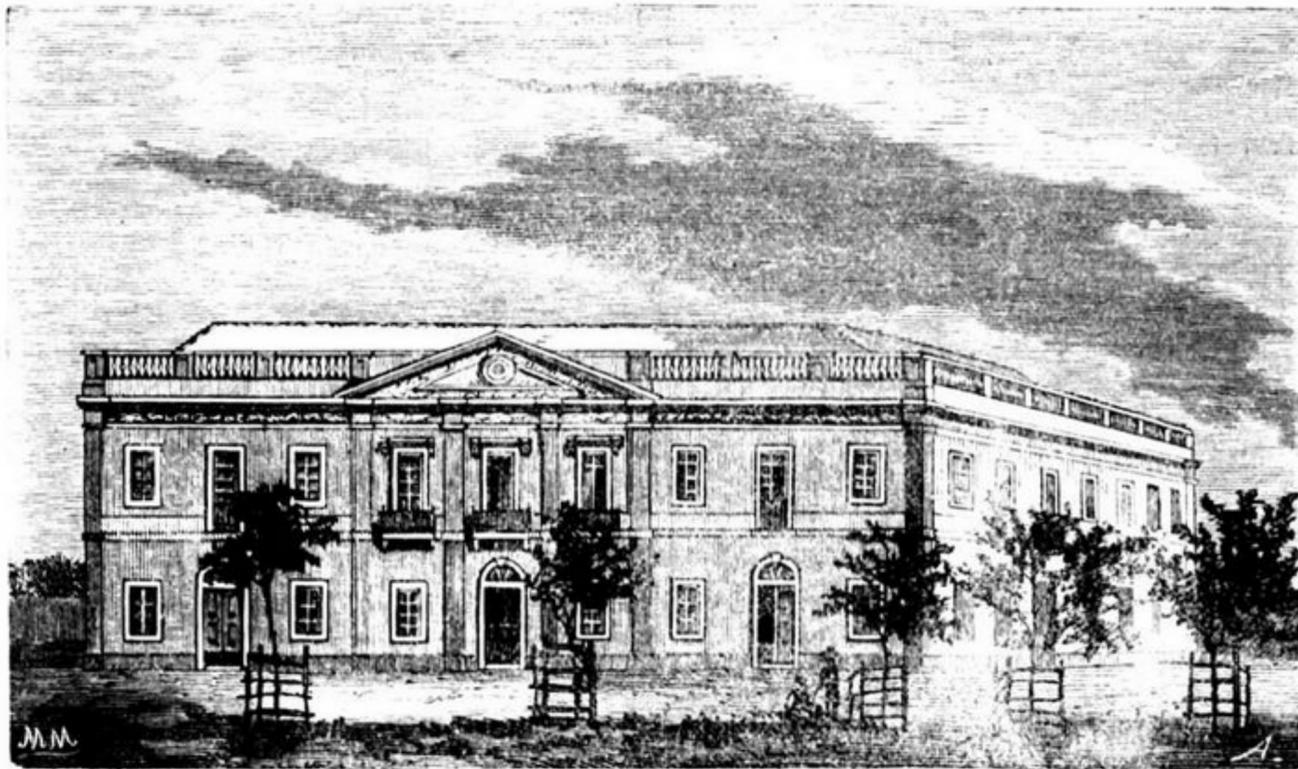
—Mathilde deitou a cabeça no hombro do Felix e deu-lhe um longo beijo muito demorado e terno, que elle retribuiu com prodigalidade.

—Mathilde, olha que sou eu, berrava Sebastião Tirapé furioso; não consintas mais!

Por unica resposta uma creada veiu fechar a janella, emquanto o ditoso par desapparecia pela porta do fundo da luxuosa sala.

—Agora o remedio é o das Caldas, monologou philosophicamente o Sebastião Emfim, são trinta e seis contos ganhos, e se havia de ser de graça .. e accendendo um cigarro foi pedir quarto á primeira hospedaria que encontrou O testamento da abastada senhora foi feito no dia seguinte, e seis depois, Felix e Mathilde partiam para Lisboa. Sebastião tinha vindo, apenas se convencera de que, para aquella especie de dores de dentes, o remedio, só das Caldas.

Quando a Mathilde e o Felix entraram em casa, elle, em vez de fazer escandalo, chamou-o de parte e propoz-lhe entrar como seu socio.

O Felix acceitou, e pouco depois a loja de Sebastião Tirapé passava a girar sob a firma Sebastião & Felix.

PAÇOS DO CONCELHO DA VILLA DO CARTAXO

Protestou não perder sua mulher de vista, e esperou pela hora do jantar.

A velhota comeu bem e recontou a historia do cão.

A's cinco e meia a boa senhora, Mathilde em trage de viagem, e o Felix encadernado de novo, com dinheiro que lhe deu a patroa, mettiam-se n'uma tipoia e dirigiam-se para a estação real dos caminhos de ferro do Norte e Leste.

Apenas elles sahiram, Sebastião, a quem por despedida a velha dera dez tostões e receitára camphora, correu a vestir-se n'um abrir e fechar de olhos, encheu a bolsa de dinheiro para o que désse e viesse, trancou a porta, e mettendo-se no primeiro trem que encontrou, chegou á estação, ainda a tempo de apanhar o comboio no segundo signal de prevenção.

A boa velhinha e seus sobrinhos viajavam em coupé leito, tendo alugado todo um compartimento, afim de não serem incommodados. O Sebastião ia n'uma carruagem de segunda classe.

A viagem foi como todas. Sebastião fumou muitos cigarros, a velhinha dormiu muitas horas, e Felix e Mathilde deram muitos beijos e não dormiram um segundo.

Chegaram finalmente a casa da abastada senhora seriam umas dez da manhã.

Sebastião seguia-os a distancia, resolvido a oppôr-se por todos os meios possiveis a que o Felix não tomasse o seu logar no thalamo conjugal, assim como o Felix estava terrivelmente resolvido a fazer o mesmo, mas em sentido contrario.

Durante o dia, o Sebastião, meio occulto n'uma tasca que havia defronte da habitação da tia de sua mulher, poude ver esta e o Felix conversando serena e honestamente, examinando albuns, passando d'uma sala á outra, jantando alegremente um de cada lado da amphitriã; mas quando bateram as nove da noite, e elle

Em casa, a firma era Mathilde, Sebastião & C.ª, mas es'a não tinha cotação no mercado.

*

Dois mezes depois, um telegramma vindo da terra da tia de Mathild , annunciava que a velha fallecera repentinamente, ás 8 da noite.

Sebastião não quiz saber de mais nada. N'essa mesma tarde tom u passagem no comboio e partiu para a terra promettida.

Chegado lá, correu a casa do escrivão da villa, e d'elle soube que tendo sido aberto o testamento da fallecida, esta deixava a sua fortuna a Felix Venturoso Saltão, e a terça a sua sobrinha e afilhada, Mathilde Sensitiva Tirapé.

Sebastião, furioso de raiva e sedento de vingança, voltou a Lisboa no dia seguinte.

Encontrou a loja fechada, e em casa uma carta de sua mulher, em que lhe explicava que sua tia o tinha reconhecido n'aquella noite em que pela primeira vez ficara em sua casa, e desejando tirar vingança da morte do seu *Nini*, lhe pregara aquella peça, que não era positivamente carnavalesca.

Accrescentava mais, que tendo-se acostumado por muitas e variadas rasões a considerar Felix como seu verdadeiro marido, se retirava com elle em busca de outros ares e de outras estrellas.

Tanto em casa como no Commercio, a firma do assassino de *Nini* assou definitivamente a ser apenas:—*Sebastião Tirapé—obra feita e por medida...*

ALFREDO GALLIS.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA 35, LISBOA